

LIDANDO COM PERDAS

reflexões sobre a morte no ambiente escolar

Daniela Nascimento Andrade Queiroz¹

Resumo: Este artigo aborda a morte no âmbito escolar, buscando compreender como os docentes do ensino fundamental e médio desenvolvem o tema. Uma das justificativas para a pesquisa é a ausência de propostas curriculares explícitas sobre o conteúdo no ambiente escolar. Para trilharmos esse caminho, recorremos aos estudos sobre a relação do ser humano com a morte (Ariès, 2014); às reflexões sobre os processos de morte e luto (Kovács, 2012); as experiências vivenciadas (Quintana, 2019) e a história (Pinto, 2004), Menina Nina, duas razões para não chorar. Concluímos que a ausência de orientações específicas aos docentes se faz necessário para que a abordagem do assunto morte no ambiente escolar seja realizada, oferecendo um ambiente acolhedor e propício ao diálogo e escuta daqueles que perderam um ente querido.

Palavras-chave: Morte; Escola; Recursos Pedagógicos; Cuidado.

DEALING WITH LOSSES reflections on death in the school environment

Abstract: This article addresses death in the school environment, seeking to understand how primary and secondary school teachers develop the topic. One of the justifications for the research is the absence of explicit curricular proposals on content in the school environment. To follow this path, we turn to studies on the relationship between human beings and death (Ariès, 2014); reflections on the processes of death and mourning (Kovács, 2012); the experiences lived (Quintana, 2019) and the story (Pinto, 2004), Menina Nina, two reasons not to cry. We conclude that the absence of specific guidance for teachers is necessary to address the issue of death in the school environment, offering a welcoming environment conducive to dialogue and listening to those who have lost a loved one.

Keywords: Death; School; Pedagogical Resources; Careful.

1 INTRODUÇÃO

A morte é um assunto considerado um tabu em nossa sociedade, pois poucos dialogam sobre ela. A ideia de que um dia a vida de um ente querido se findará, gera desconforto em muitas pessoas.

O diálogo, a reflexão, o debate e o conhecimento aprofundado, em seus aspectos psicológicos e sociais, bem como a qualificação de profissionais para auxiliar e amenizar o impacto da morte dentro do ambiente escolar é uma arma poderosa para reduzir crises de ansiedade, depressão e até mesmo suicídio entre crianças e adolescentes.

Normalmente, o diálogo sobre a morte acontece na esfera religiosa, apenas no período de luto, em que a pessoa que sofreu a perda, ainda relembra momentos em que

¹ Graduada em Letras pela Universidade de Franca, Complementação Pedagógica em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior de São Gotardo – CESG, Especialista em Supervisão e Coordenação Pedagógica pela Pontifícia Universidade Católica, Especialista em Psicopedagogia Institucional pelo Centro de Ensino Superior de São Gotardo – CESG, Mestre em Linguística pela Universidade de Franca..

viveu com a pessoa amada, ou na esfera da saúde, visto que a vida e a morte são uma realidade permanente em hospitais e clínicas, mas na educação esse conteúdo é pouco discutido.

Sendo a escola a instituição que fornece o processo de ensino para discentes (alunos), com o objetivo de formar e desenvolver cada indivíduo em seus aspectos cultural, social e cognitivo é compreensível que ela selecione alguns assuntos mais relevantes, portanto, não é diferente em relação a morte.

A questão norteadora dessa pesquisa é saber de que maneira o docente desenvolve o tema em sala de aula, ou se há resistências em trabalhá-lo.

Nesse contexto, como docente do curso de Pedagogia, observei e refleti que as questões ligadas à morte no âmbito escolar não são abordadas ao longo da formação do pedagogo.

Ainda, se constata a ausência de um componente curricular, ou projeto que aborde o tema e que preparem os futuros docentes para situações em que eles irão conversar sobre a morte com seus alunos e até mesmo com seus familiares. É notório a falta de curso de capacitação para que os educadores tenham mais clareza, compreensão sobre o assunto e empatia com crianças e adolescentes que devem ser acolhidos durante o momento de dor.

O que acontece, verdadeiramente, nas escolas é o encaminhamento das crianças para um profissional da saúde, o psicólogo, mas a escola acaba ficando a margem da situação, não abordando sobre o assunto em nenhum período do ano. O intuito é que a morte seja trabalhada na escola como parte da vida, e não algo escabroso e complexo de ser comentado. Ana Claudia Quintana de Arantes diz “Eu cuido de pessoas que morrem” (Arantes, 2019, p. 14), e é justamente sobre isso que devemos dialogar no âmbito escolar, mesmo sendo algo sofrido, mas necessário.

Como educadora, tenho observado, e de certa forma compreendido a necessidade de desenvolver recursos e práticas pedagógicas, além disso, motivar a inclusão de propostas curriculares no âmbito escolar, bem como refletir sobre políticas públicas que podem ser implantadas na cidade ou até no Estado de Minas Gerais sobre o tema abordado.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Foram realizadas leituras para apontar o desenvolvimento da ideia de morte e da relação do ser humano com esse tema com o passar do tempo. Baseado nos estudos de Ariès (2014) foi possível detectar características do contexto histórico e cultural. Contudo, outras leituras foram essenciais para alcançar os objetivos propostos, como a reflexão dos autores que abordam a morte e o luto como Maria Julia Kovács (2012) e nas experiências

de Ana Claudia Quintana Arantes (2019) e Zilraldo com a história Menina Nina, duas razões para não chorar (2004).

Culturalmente, o conceito de morte sofreu uma série de transformações através do tempo, como nos mostra Ariès (2014). O autor explica, o que ele denomina de “morte domada” (Ariès, 2014), característica da época medieval, onde o homem organiza as cerimônias de despedida ao compreender que a morte é uma realidade próxima a ele. No final do século XVIII, com a valorização dos vínculos familiares existe a modificação do papel da família nas cerimônias após a morte, no caso, o velório e a encomendação do corpo, o qual vai se tornando mais relevante; ao mesmo tempo em que a manifestação do luto pelos familiares é culturalmente aceita e incentivada.

Nas sociedades modernas de acordo com Elias (2001)

[...] o conhecimento das causas das doenças, do envelhecimento e da morte tornou-se mais seguro e abrangente. O controle das grandes epidemias fatais é apenas um dos muitos exemplos de como a expansão do conhecimento congruente com a realidade desempenhou um papel na mudança dos sentimentos e comportamentos humanos.

As tecnologias e o avanço da medicina nos possibilitam o conhecimento sobre inúmeras doenças, bem como, opções de tratamento para algumas enfermidades e até mesmo atendimento paliativo. O conceito de cuidado paliativo de acordo com a Organização Nacional de Saúde (2017) é

uma abordagem que melhora a qualidade de vida de pacientes (adultos e crianças) e familiares que enfrentam problemas associados a doenças que ameaçam a vida. Previne e alivia o sofrimento através da identificação precoce, avaliação correta e tratamento da dor e dos problemas físicos, psicossociais e espirituais.

Já a morte, enquanto fenômeno biológico se apresenta com a mesma inflexibilidade para todo os seres humanos. Em contrapartida, a simbologia dela pelo homem é reconhecida de diversas maneiras, com maior ou menor aceitação, com diferentes ritos e cerimônias de despedida e de luto, construindo variados significados para a mesma (Kovács, 1992).

A forma pela qual a sociedade tem lidado com a morte, negando-a, reprimindo as expressões de dor e não propiciando o diálogo sobre o tema tem dificultado o processo do luto sadio, gerando uma série de consequências psíquicas. Esta constatação nos leva a

destacar a importância de um tempo dedicado a explorar o tema e a compreender, vivenciar o luto e expressar o sofrimento.

3 RECURSOS PEDAGÓGICOS E DISCUSSÃO

Ao compreender que a instituição escolar é um espaço onde esse assunto deve ser tratado, devido às crianças passarem boa parte do seu tempo na escola, é fundamental desenvolver o tema na organização escolar para que a morte seja encarada como um processo natural da vida biológica.

A escola, como espaço de conhecimento e de troca de experiências tem condições de implantar ações e métodos de ensino para que assuntos como esse sejam tratados com os alunos.

Dentro dos muros escolares, portanto, existe diversas oportunidades de desenvolvimento do tema que ainda não foi incluído no currículo do sistema de ensino, destinando tempo e condições para o acolhimento e a escuta sobre o processo de luto vivenciado pelo discente.

Para tratar do tema na educação infantil e no ensino fundamental foi realizada uma proposta para os discentes do Curso de Pedagogia do Centro de Ensino Superior de São Gotardo.

Primeiramente o planejamento da aula em questão, a escolha de livros pertinentes ao tema e atividades posteriores a apresentação da história. A escolha dessa metodologia de trabalho foi devido a carga de ensinamentos e lições que os educandos, independente, da idade aprendem durante o processo de escuta de histórias. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998, p.141), estabelece que:

a criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura.

Cada vez, que ouvimos histórias, resgatamos memórias culturais e afetivas, fundamentais para descobrir quem somos e como lidamos com os outros. Além disso, através de livros, textos, histórias curtas, crônicas, e outros gêneros textuais é possível aprender de maneira prática, prazerosa e didática. O ato de ouvir ou assistir uma história é instigante a todos os sujeitos, independente da faixa-etária, em especial a criança que

está no processo de desenvolvimento físico e mental consegue aguçar a imaginação e também aumentar o conhecimento de novas palavras.

Abramovich (1993, p. 24) descreve que:

Ouvir histórias é viver um momento de gosturas, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... o livro da criança que ainda não lê é a história contada.

Ainda com a autora Abramovich (1993, p.16) que afirma a respeito das histórias contadas para crianças: Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo (...). Como percebemos a contação de história é uma ferramenta que deve ser inserida desde o início da vida escolar, é através da mesma que a criança tem o primeiro contato com o mundo literário, conseqüentemente, poderá tomar gosto pela leitura.

Um escritor que discorre muito bem sobre o assunto, é Ziraldo Pinto. Ele é o responsável pelo livro "Menina Nina, duas razões para não chorar". Esse texto é carregado de muita delicadeza e expressão. O autor consegue retratar a morte e a perda da vovó Vivi pela protagonista da história, Nina, de uma maneira clara, objetiva e principalmente, relatando as inseguranças, tristezas e lembranças da criança, a qual passa por esse processo. O livro é pequeno, mas aborda o tema com grande maestria.

No Curso de Pedagogia, os acadêmicos construíram o livro sem palavras, um recurso pedagógico que auxilia na contação de histórias de maneira lúdica, aproximando as crianças do ensino fundamental dessa realidade, compreendendo o tema, demonstrando empatia e aconchego com todos que estão vivenciando o luto. Através da construção do livro sem palavras os expectadores da história puderam ver as imagens de forma aumentada e manipulá-las em seguida. Após a contação, realizou-se uma roda de conversa, ampliando os conhecimentos sobre o tema e propiciando a fala daqueles que passaram por momentos parecidos com a protagonista.

A história *Menina Nina, duas razões para não chorar*, possibilita observar que a vida finda, embora não desejamos que isso aconteça. Além disso, foi possível solicitar aos participantes da aula em questão reviver memória através de fotos, vídeos, construir um

diário de lembranças, escrever uma mensagem para o ente querido e até mesmo um fazer um *scrapbook*.

Com base em Bárbara Liz (2023) *scrapbook* é

considerado uma terapia, uma maneira de se expressar e criar, um hobby saudável, que pode ajudar a desestressar e ser um passatempo excelente para utilizar toda a criatividade, fazer planos e até guardar memórias especiais de forma física.

Para a pessoa que perdeu o ente querido é uma forma conseguir guardar memórias e além disso, confeccionar e produzir arte. Esse trabalho consiste em técnicas de recorte e colagem para guardar suas recordações mais preciosa. Também é uma forma de controlar as emoções exercendo uma atividade prazerosa.

Por outro lado, a abordagem de Ana Claudia Quintana Arantes em seu livro “A morte é um dia que vale a pena viver” é diferente da oferecida pelo autor Ziraldo, pois ela conta-nos como foi o percurso da sua formação como médica até desenvolver um espaço de atendimento paliativo para pessoas que se encontram com doenças terminais. A autora relata que:

cuidado paliativo é uma abordagem que melhora a qualidade de vida de pacientes e familiares diante de doenças que ameacem a continuidade da vida, por meio do alívio do sofrimento, tratamento da dor e de outros sintomas de natureza física, psicossocial e espiritual (Arantes, 2019, p. 37).

A proposta para explorar o livro acima deve ser desenvolvida no ensino médio, ou na graduação, visto que a faixa-etária deve ter conhecimentos profundos e de mundo a realidade discutida no texto.

Em seguida, a turma foi dividida em grupos onde os alunos irão realizar a leitura atenta do capítulo, relatar sobre o que o trecho aborda e posteriormente fazer questionamentos para serem abordados em uma roda de conversar.

Essa estratégia desenvolvida em sala de aula foi muito interessante, visto que todos participaram, oferecendo suas contribuições e experiências referentes as questões elaboradas pelos colegas de sala. Houve respostas que lembraram sentimentos, dores, alegrias e durante as explicações o choro chegava de mansinho.

Outro detalhe importante que a escritora relata é que “trabalho de cuidar das pessoas na sua integralidade humana só poderia fazer sentido se, em primeiro lugar, eu me dedicasse a cuidar de mim mesma e da minha vida” (Arantes, 2019, p. 38).

Sob essa perspectiva deve-se refletir, visto que é necessário o autocuidado para cuidar de outras pessoas. A família, que acompanha a pessoa acamada, muitas das vezes, adocece com ela e deve o familiar procurar ajuda especializada o, como o psicólogo para relatar suas dificuldades perante a doença e o paciente.

Pensar sobre a morte, sobre o nosso envelhecimento e sobre a nossa finitude, é pensar sobre a vida, o tempo vivido, as relações, as escolhas pessoais e profissionais. Enfim, é refletir, de forma construtiva, sobre como passamos o tempo aqui na terra.

Os alunos que fizeram parte desse projeto relataram que é necessário treinamento, capacitação e compaixão com aqueles que estão no leito de morte, pois a escuta e a atenção com aqueles que estão para morrer, muitas vezes é um remédio. Compreender como o paciente chegou até ali, faz com que ele entenda a morte de forma mais serena. Essa é uma política de atendimento que pode ser adotada nos hospitais que possuem pacientes que estão em estado terminal, por diversos motivos.

Contudo, a escritora e médica relata sobre os países que adotaram a eutanásia para acabar com o sofrimento de muitos. Essa é uma política pública desenvolvida em vários países como Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Espanha e Portugal. Nas Américas, Canadá, Colômbia e alguns estados dos Estados Unidos. (Andrade, 2016). Certamente, para que isso aconteça os legisladores brasileiros deverão pesquisar e estudar sobre o direito à morte digna (Andrade, 2016).

Ao final, se pode aduzir, que a escola se torna um forte e poderoso espaço educativo contra preconceitos e também com rupturas de paradigmas, oportunizando momentos de reflexivos e de debate.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os contextos históricos e culturais do tema morte, conclui-se que em cada momento da história uma ideia de morte é construída e ressignificada. Na antiguidade, os egípcios escreviam sobre a morte e acreditavam no retorno do espírito ao corpo.

Por outro lado, no período medieval, a visão que se tinha sobre a morte é a de um elo existente entre a lei natural e a lei divina. Nesta circunstância, os ensinamentos da igreja influenciaram o pensamento dos cidadãos e na vida após a morte, por isso, o surgimento de ritos de passagem e de despedidas aos mortos.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	2024 - Vol. 15 - Número 1
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	rev.edu.cult@cesg.edu.br

Entretanto, na modernidade, mesmo com as modificações tecnológicas e da medicina e também da escola atual que mobiliza e acredita no pensamento do homem reflexivo ainda as crianças são afastadas do processo da morte e do morrer, perpetuando o tabu e o diálogo sobre a morte.

Com efeito, é importante ressaltar que a morte ainda é um tabu na escola, levando-nos a pensar em diversas práticas pedagógicas e recurso didáticos que contribuirão para a exploração do assunto e até mesmo políticas públicas que garantam o desenvolvimento desta temática a ser discutida na academia, reafirmando-se a urgência de se trabalhar o tema “morte” nas instituições escolares contemporâneas, pois a influência e as implicações da morte na vida da criança são constantes e podem ser tratadas com mais naturalidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Vera Lúcia Ângelo; CASTRO, Mariana Parreiras Reis de; ANTUNES, Guilherme Cafure; MARCON, Livia Maria Pacelli; ANDRADE, Lucas Silva; RÜCKL, Sarah. Eutanásia e suicídio assistido em países ocidentais: revisão sistemática. **Revista Bioética**. v. 24, n. 2, maio-ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-80422016242136>. Acesso em: 07 jul. 2024.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. São Paulo: UNESP, 2014.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação infantil. **Referencial curricular nacional para educação infantil**: Vol. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2024.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**: seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KOVÁCS, Maria Julia. Educadores e a Morte. São Paulo. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, jan./jun. 2012, p. 71-81.

LIZ, Bárbara. **O que é um Scrapbook?** Saiba como fazer o seu passo a passo! Disponível em: <https://www.mundovestibular.com.br/blog/scrapbook>. Acesso em: 07 jul. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Cuidados paliativos.** Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/palliative-care>. Acesso em: 07 jul. 2024.

PINTO, Ziraldo. **Menina Nina:** duas razões para não chorar. São Paulo: Melhoramentos, 2004.